

Ensino de língua portuguesa: marcas da oralidade em produções escritas de alunos da 6ª classe do ensino primário do Sumbe-Angola

Portuguese language teaching: orality marks in written productions of students in the sixth grade elementary school of Sumbe-Angola

Boano Paulino¹

Maria Aparecida da Silva Miranda²

Sulemi Fabiano Campos³

RESUMO

Neste texto, realizamos uma discussão que surgiu com o questionamento: “Como os alunos transpõem para os textos escritos aspectos da oralidade e da variedade linguística?” Pautado no fenômeno linguístico em questão, pretendemos mostrar a ocorrência de alguns “erros” ortográficos e descrever a presença de línguas angolanas presentes na escrita de alunos da 6ª classe, em uma escola primária do Sumbe-Angola. A hipótese é que as dificuldades de escrita dos alunos estão relacionadas, em alguns momentos, à presença das múltiplas línguas angolanas e, em outros momentos, à percepção de escrita convencional, na transposição da oralidade para a escrita. O *corpus* foi constituído por 19 textos produzidos por alunos da 6ª Classe, em situação real de ensino de sala de aula, sob a mediação do professor. Utilizamos como referência estudos desenvolvidos por Franchi (2008), Marcuschi e Dionísio (2007), Marcuschi (2007), Cagliari (1995, 2000, 2002), Leite (2005), Cunha e Miranda (2009), cujas teorias permitiram uma reflexão sobre a língua materna e a importância da ortografia na aquisição da escrita. Os resultados apontam indícios da presença de línguas angolanas nos textos produzidos pelos alunos (LA), com maior predominância para a Língua Umbundo.

Palavras-chave: Ensino de língua portuguesa. Produções escritas. Oralidade.

ABSTRACT

In this text, we conducted a discussion that arose with the question "How do students transpose into writing aspects of orality and linguistic variety? Guided by the linguistic phenomenon in question we intend to show the occurrence of some spelling "errors" and describe the presence of Angolan languages in the writing of sixth grade in elementary school in Sumbe-Angola. The hypothesis is that writing difficulties, at some times, are related to the presence of multiple Angolan languages and, at other times, to the perception of conventional writing, in the transposition of orality to writing. The corpus consists of 19 texts produced by students of the sixth grade, in real situation in the classroom, under the teacher orientation. We used some references studies developed by Franchi (2008), Marcuschi and Dionísio (2007), Marcuschi (2007), Cagliari (1995, 2000, 2002); Leite (2005), Cunha and Miranda (2009), whose theories allow a deflection about mother tongue and importance

¹ Docente da Escola Primária do Sumbe, Angola. Mestre em Linguística pelo Instituto Superior de Ciências da Educação - ISCED – Sumbe, em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4916-0593>. E-mail: bonapau1972@gmail.com.

² Docente da Rede Estadual de Ensino da Educação Básica (SEEC/RN). Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal/RN, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5066-9998>. E-mail: mirandamas@yahoo.com.br

³ Docente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Natal/RN, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7212-0621>. E-mail: sulemifabiano@yahoo.com.br.

spelling in the acquisition writing. The results evidence the presence of Angolan languages in texts produced by students (LA), predominance of Umbundo Language.

Keywords: Portuguese language teaching. Written productions. Orality.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma discussão sobre a transposição da oralidade para a escrita em textos de alunos da 6ª classe de uma escola pública do Sumbe-Angola, desenvolvido pelo Instituto Superior de Ciências da Educação - ISCED – Sumbe, em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Pensando sobre a língua na modalidade escrita, compreendemos que, no ato da fala, o indivíduo recorre à oralidade para pensar a escrita e, ao usar a escrita, relaciona-a com a própria fala. Nesse sentido, temos como objetivo analisar a transposição da oralidade para a escrita em textos produzidos por alunos da educação básica, inseridos em contextos culturais diversos, com vistas a verificar traços que possam caracterizar a ocorrência de alguns “erros” ortográficos bem como a presença de línguas angolanas na escrita de alunos e, assim, refletir sobre o ensino da língua portuguesa nas escolas públicas angolanas como espaço de apropriação da escrita e também sobre as políticas para o ensino da língua portuguesa como língua oficial de Angola.

Os docentes e o discente envolvidos na pesquisa autores deste artigo pertencem, respectivamente, a três instituições de ensino, sendo duas brasileiras Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN – e Secretaria de Educação e da Cultura do Rio Grande do Norte - RN/Brasil; e uma de Angola (Instituto Superior de Ciências da Educação do Sumbe – ISCED). Como pesquisadores e experiência, surge o interesse em estudarmos como a oralidade imerge na escrita desses alunos, de modo que procuramos observar constantemente em que tem se tornado a produção escrita de alunos da educação primária frente ao tipo de exigência e avaliação a que está submetida.

O *corpus* da pesquisa da qual este artigo é um dos resultados são textos produzidos por alunos da 6ª classe de uma escola pública angolana, para serem usados na pesquisa. Nesse sentido, apresentamos resultados que permitam aprofundar o conhecimento atual a respeito das práticas de leitura e escrita produzidas nas escolas as quais estão nos percursos relacionados a vários fenômenos ligados à transposição da oralidade para escrita, ou seja, à variação linguística da fala, presentes nos textos produzidos pelos alunos.

Essa busca visa a fortalecer as políticas de ensino da língua portuguesa nas escolas primárias bem como os processos de produção de conhecimento na formação da leitura e da escrita nos espaços escolares, minimizando as dificuldades encontradas e garantindo mais consistência na defesa desse conhecimento.

Os autores deste trabalho assumem como ponto de partida a premissa de que as dificuldades de escrita dos alunos, em alguns momentos, estão relacionadas à presença das múltiplas línguas angolanas e, em outros momentos, à percepção de escrita convencional, na transposição da oralidade para a escrita, e, por outro lado, essa dificuldade passa centralmente pelo aprendizado da leitura e da escrita, uma vez que, para que haja conhecimento, é necessário compreender as regras ortográficas e fonológicas de uma dada língua.

Entretanto, nos últimos anos, no Brasil, estudos desenvolvidos por integrantes do Grupo de Estudos do Texto e do Discurso, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (GETED - UFRN), e outros de diferentes países têm sido cada vez mais presentes, com uma preocupação em relação à leitura e à escrita, seja na educação básica, seja na universidade. Esses estudos apontam que alunos de diferentes níveis de ensino apresentam sérias dificuldades para produzir textos que, de fato, atestem um saber sistematizado e que possam revelar traços de produção de conhecimento. São dificuldades que transcendem os limites do mero domínio das regras e das estratégias postos como necessários à produção escrita; em específico, nesta pesquisa, são casos relacionados às questões de transposição da oralidade para a escrita.

As pesquisas têm mostrado que, mais do que dificuldades intrínsecas ao ato de ler e escrever, muitos problemas têm especificidades. Considerando aspectos fonológicos de variantes linguísticas presentes nos textos produzidos pelos alunos para explicar a ocorrência de alguns “erros” ortográficos, observamos que muitos escrevem certas palavras conforme pronunciam. Por exemplo: cumer (comer); pufessor/prossor (professor); vuces (vocês); bincar (brincar); anda (ainda). Muitos problemas são consequências de políticas de formação, entrecruzadas com a defesa de determinadas perspectivas teóricas propostas pelos governos e adotadas pelos profissionais da educação, muitas vezes por desconhecimento e/ou por falta de autonomia, o que tem agravado as dificuldades de leitura e de escrita dos estudantes, principalmente aqueles com déficits de aprendizagem.

Em Angola, por haver uma variedade de línguas, a relação que se estabelece com a língua materna, falada no meio familiar, pode influenciar no desenvolvimento linguístico dos alunos e, conseqüentemente, na aprendizagem da leitura e da escrita. No caso particular do Cuanza Sul (Sumbe), na escola em análise, com uma variedade de línguas, como o umbundo e qimbundo, encontramos,

num grupo de alunos, essa diversidade linguística, que, de certa maneira, é necessário que seja respeitada para que se possa ensinar com/na diferença.

Nessa variedade de línguas faladas em Angola, de acordo com a região, destacam-se as seguintes: umbundo, predominante nas regiões central e sul do país, concretamente nas províncias do Huambo, Bié, Benguela, uma parte da Huíla e Cuanza Sul; e o qimbundo, que, segundo o censo geral de habitação e população realizado em 2014 predomina nas províncias de Luanda, Malanje, Cuanza Norte, uma parte do Bengo e Cuanza Sul, sendo a língua nacional com maior número de falantes.

A partir dessa complexa situação, perceptível no cotidiano de nosso trabalho como professor e como aluno pesquisador, surgiu a questão de pesquisa que sustenta as reflexões desenvolvidas neste artigo: Como os alunos transpõem para os textos escritos aspectos da oralidade e em que medida é possível observar a presença de línguas angolanas na materialidade escrita?

A partir dessa pergunta, temos como objetivo geral analisar a transposição da oralidade para a escrita em textos produzidos por alunos da 6ª classe, em uma escola primária do Sumbe-Angola, isto é, explicar a ocorrência de alguns “erros” ortográficos e descrever a presença de línguas angolanas na escrita de alunos. Para o desenvolvimento da pesquisa, organizamos um *corpus* constituído por 19 textos produzidos por alunos da 6ª classe, em situação real de ensino em sala de aula, sob a mediação do professor.

Tal perspectiva investigativa convida a uma diversidade de abordagens teóricas. Nas análises apresentadas, priorizamos uma aproximação prática da leitura, permitindo-nos darmos mais ênfase à exploração das marcas linguísticas encontradas nos dados do que à teorização do problema. Calcando-nos numa perspectiva linguística, o diálogo se dará com base nas ideias e nos estudos sobre os processos de escrita na alfabetização (FRANCHI, 2002), a forma como o sujeito incorpora a linguagem (MARCUSCHI; DIONÍSIO, 2007), escrita e variação linguística; (LEITE, 2005), alfabetização e linguística (CAGLIARI, 1995; 2000; 2002), a escrita na alfabetização e erros de ortografia na alfabetização (MASSINI-CAGLIARI, 1996; 1999) e processos de hipossegmentação e hipersegmentação na aquisição de escrita (CUNHA; MIRANDA, 2009)⁴.

Utilizando o aporte teórico apresentado para o desenvolvimento das descrições analíticas, assumimos a compreensão de que a escrita e a leitura, decorrentes do ato de estudar/ensinar, são de fundamental importância para a formação e, principalmente, para a produção de conhecimento na universidade contemporânea.

⁴ Apesar de existir material teórico mais atualizado sobre oralidade, os que se encontram citados aqui foram os lidos e consultados durante a pesquisa.

2 CONTEXTO DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Os textos apresentados são, em parte, a demonstração de um método de análise – eles ilustram como podemos partir da materialidade linguística dos textos para problematizar as relações que o sujeito que escreve estabelece com a língua materna em dada situação comunicativa de linguagem – a partir da observação das marcas de oralidade da língua portuguesa presentes na transposição da fala para a escrita bem como dos traços de línguas nacionais faladas em Angola.

Considerando o contexto da educação angolana, afetado seriamente pelos conflitos que ocorreram no país e a atual realidade dos estudantes, a escrita precisa ser pensada como elemento constitutivo da formação inicial. É notório que os impactos do contexto histórico, político e econômico do país afetam o modo como os estudantes se relacionam com a escrita e, conseqüentemente, com a produção de conhecimento. Em outras palavras, as análises são uma declaração representativa sobre os fenômenos de linguagem investigados.

Angola é um país plurilinguístico, e o português é a língua oficial de comunicação entre os angolanos. Apesar de existirem outras línguas e, em nível governamental, ocorrerem discussões sobre a possibilidade da inclusão de línguas angolanas no currículo escolar, a Lei de Base sobre o Sistema de Educação e Ensino de Angola (LBSEEA 17/16), artigo 16º, ponto 1, diz que “o ensino deve ser ministrado em português”. Conseqüentemente, o Programa de LP para a 6ª classe, diz que,

Sendo o ensino-aprendizagem realizado em LP, torna-se um meio de apoio e de articulação entre todas as disciplinas, um instrumento de investigação social e científico. E, a utilização correta, permite o desenvolvimento do vocabulário e sua compreensão oral e escrita (PROGRAMA DA 6ª CLASSE, REFORMA EDUCATIVA, 2009, p. .5).

Por se tratar de um país plurilinguístico, ao retratarmos a língua e a sociedade angolana, consideramos a complexidade linguística. Quanto ao perfil sociolinguístico, levamos em conta aspectos sociais que a língua desempenha e fatores que, em certa medida, podem influenciar os falantes através de sua atitude perante a língua.

A abordagem imposta aos falantes ajuda-nos a perceber a relação entre língua e sociedade. Os condicionantes sociais existentes dentro da organização linguística do país passíveis de influenciar, de alguma forma, a língua portuguesa originam-se das diferenças sociais e culturais dos falantes.

O professor de português exerce papel fundamental, pois não pode ignorar essa realidade. Não pode desconsiderar esse processo normal de constituição das línguas. Para que isso ocorra, é necessário

que a escola valorize a variedade linguística – nesse caso a angolana – assim como o português, porque é ela que se manifesta no seio dos angolanos.

Por tais razões, entendemos a sala de aula como ponto de partida e, ao mesmo tempo, como espaço de interação verbal entre os sujeitos, no nosso caso os alunos; as produções escritas como materialidade linguística que pode ser trabalhada como estratégia de reflexão da língua; e a escola como espaço concernente à realização de investigação. Foi, portanto, nesse espaço social escolar que os textos, objetos do estudo⁵ foram produzidos.

Os alunos participantes da pesquisa tinham entre 12 e 18 anos. Muitos deles são das zonas rurais e fazem parte de um programa de alfabetização e aceleração escolar (PAAE), novo sistema de ensino vigente em Angola. O programa tem como objetivo corrigir o fluxo escolar e inserir no subsistema de ensino todos os alunos com idade não adequada para o ensino geral normal – acima de 12 anos – quem concluíram o ensino primário.

Os textos selecionados para análise neste artigo, assim como os que compõem o *corpus* maior, foram identificados da seguinte maneira: AL 01 (“AL” para aluno, seguido de numeração de 1 a 19, que representa cada um dos textos produzidos pelos alunos da pesquisa). Essa forma de identificação foi construída considerando-se a necessidade de se preservar a identidade dos autores.

Os textos objetos de estudo produzidos pelos alunos da 6ª classe serão apresentados aqui sem que haja nenhuma correção ao lado da transcrição literal, para facilitar a leitura durante as análises. Utilizamos também a grelha⁶ de observação sobre representações que eles fazem a partir das condições de usos da língua em contextos de fala/escrita, no evento de produção escrita escolar. Estes são representativos para o diagnóstico das regularidades e expectativas linguísticas em que se situam os textos.

Tabela 01: Grelha de observação e análise da redação

Nº	Aspectos a observar	Sim	Não	Razoável	0.B.S
1	Se expressam por escrito com rabiscos.				
2	Têm conhecimento sobre formação de palavras.				
3	Omite letras na sua escrita.				
4	Escrevem palavras sem separar.				
5	Escrevem com separação baseada no modo como falam.				

⁵ Os textos objetos de análise foram produzidos por alunos de uma escola primária do município do Sumbe, localizada em zona periférica da cidade, composta por 14 salas de aulas, um gabinete do diretor, uma sala de secretaria, duas casas de banho. A escola está em obra, com número de carteiras não suficiente para um total de 2018 alunos, e um número de professores que não satisfaz a demanda da instituição. As vias de acesso e o pátio da escola não são adequados.

⁶ A grelha é um instrumento metodológico de análise, utilizado pelo autor da pesquisa como observatório para construção dos dados.



6	Usam acentuação.				
7	Usam a pontuação e parágrafos.				
8	Fazem outro correção.				
9	Escrevem com letra manuscrita.				
10	Diferenciam letras altas.				
11	Diferenciam letras maiúsculas de minúsculas.				
12	Os textos apresentam coerência.				
13	Os textos apontam que as crianças entenderam a proposta de escrita.				
14	Aspectos inesperados, mas relevantes encontrados nas redações.				

Fonte: Tabela elaborada pelos autores da pesquisa

A tentativa, porém, não é de expor cada um dos detalhes, em sua relação com o evento de escrita dos alunos. Pelo contrário, partimos da busca, nos textos, dos detalhes enquanto minúcias, indícios que, em certa medida, podem ser mensurados, com base em aspetos linguísticos constantes na “grelha”, que podem ser observados pelos textos dos alunos. Os resultados mostram, pela regularidade de aparecimento das marcas de oralidade nos textos, indícios de que há influência da oralidade na escrita desses alunos, com expressões utilizadas na fala cotidiana.

Com esse exercício de análise, procuramos um modo de ler direcionado para o estabelecimento de diferenças – não tanto diferenças entre os textos produzidos que estão sendo lidos e os outros, porque aceitamos, de partida, que se trata de textos pertencentes a alunos com dificuldades de leitura e escrita, mas diferenças em relação a eles mesmos, isto é, lidas como possibilidade de se desmistificar a lógica da repetição a partir de dentro, dando relevância às marcas da oralidade como indício do fenômeno linguístico observado e, não simplesmente o “erro” ortográfico.

3 ORALIDADE E ESCRITA: CONCEITOS RELACIONADOS

A atividade interativa ocorre num ambiente social, a instituição escolar, *locus* desta pesquisa, por ser um ambiente social, que se apresenta como um espaço onde o saber é/pode ser construído; um espaço genuinamente plural e de interlocução, em que há uma proliferação de saberes e ideias convergentes e divergentes.

É nesse espaço que vivem e convivem sujeitos constituídos social e historicamente - condição para que a escrita aconteça. Nosso enfoque passa centralmente pelo aprendizado da leitura e da escrita. Elencamos fundamentos teóricos que não dissociam reflexão linguística (fundada no funcionamento



da língua) e reflexão sobre a escrita e seu ensino como via de compreender diferentes perspectivas sobre o processo de alfabetização.

Em relação à escrita na escola, a redação, como estratégia para se fazem emergir as habilidades de escrita e competências linguísticas, é um processo complexo, pois depende de fatores que interferem na alfabetização: desde as características do educando, suas condições sociais e o contexto em que ele está inserido, profissionalização do alfabetizador, condições da sala de aula e até o sistema curricular organizado para esse fim (FRANCHI, 2002).⁷

A escrita é um trabalho de produção, por isso compreendemos que, na escola, ela deva ser resultante de um trabalho de parceria entre aluno e professor, de um trabalho a muitas mãos. O ato de escrever é, assim, um processo que se dá numa dinamicidade interativa entre sujeitos produtores de sentidos. Adotamos, para a prática de escrever na escola, a ideia de que a linguagem é uma manifestação social, portanto é um acontecimento de natureza dialógica e, por assim ser, nasce da interação verbal entre os sujeitos.

A fala e a escrita enquanto ato de linguagem são ações com equivalência proporcional no ensino-aprendizagem de qualquer língua. Segundo Marcuschi e Dionísio (2007), para que o trabalho linguístico se efetive, é preciso levar em consideração as premissas de que as línguas se desenvolvem primeiro na forma oral e aprendidas por seus falantes, depois na forma escrita, mas a escrita não representa a fala nem é dela derivada de maneira direta; as línguas variam tanto na fala como na escrita e não são uniformes ou imutáveis, daí haver regras variáveis em ambos os casos; as línguas são igualmente regradas sem distinção entre ágrafas e com escrita; e todas as línguas são complexas, pouco importando se são ágrafas ou não. Em certa medida, resulta dessa problemática a dificuldade das produções oral e escrita dos alunos.

Se a escrita é um produto da língua, assim também é a leitura. Não há como dissociar essas ações linguísticas, até porque toda escrita pressupõe leitura. Em outras palavras, são muitas as diferenças entre oralidade e escrita, contudo elas podem ser observadas na atividade de formulação textual, manifestadas em cada uma das duas modalidades, e não em parâmetros fixados como regras rígidas (MARCUSCHI; DIONÍSIO, 2007). Em relação às variações de pronúncia, podem afetar a aprendizagem da língua escrita e a distinção entre língua escrita e língua falada, entre os sons da fala e as letras da língua escrita, influenciando as diferentes maneiras existentes de pronúncia das palavras.

⁷ Franchi (2002) traz uma narrativa de experiência de uma professora do 1º grau (Brasil), para o nosso contexto de 1ª classe (Angola), num denso processo de superação de problemas textuais apresentados por alunos de uma escola da periferia. Segundo a pesquisa, a professora encontrou os alunos em um contexto bastante discriminado pelos professores, pela própria escola e pelo sistema no sentido geral.

Sobre a norma linguística segundo Leite (2005), há várias possibilidades teóricas para explicá-la, entre as quais podem-se escolher, por exemplo, as perspectivas linguística, pragmática e antropológica. Para Massini-Cagliari e Cagliari (1999), é preciso considerar que a transcrição dos sons pode ser uma manifestação de hipótese gráfica de uma palavra, sendo que o resultado, nesse caso, pode estar muito mais próximo de uma escrita ortográfica do que de uma escrita fonética.

Para muitas crianças, saber escrever torna-se um pesadelo, visto que, durante a aprendizagem da escrita, ocorre um processo de reflexão – da criança – em relação às regras de usos possíveis no sistema de escrita do português. São regras que provêm de realidades fonéticas, sobre a relação entre letra e som, usos gráficos do sistema ortográfico da língua portuguesa.

Assim, ler, escrever e refletir sobre a língua são ações pertinentes aos sujeitos da linguagem. Vale salientar que a atividade de escrita não ocorre, necessariamente, nessa ordem, professor e aluno, os quais são membros sociais e, por assim serem, é o motivo para que o ato de escrever aconteça.

Segundo Cagliari (1995, p. 137), “esse conjunto de possibilidades de uso se circunscreve aos usos da língua e aos fatos de produção de fala”. Nesse sentido, os “erros ortográficos” não são previsíveis nem unívocos, mas também não são aleatórios. Contudo podem possuir uma motivação ligada intimamente com a fala, na forma de “transcrição fonética da fala”.

A partir dessas considerações apresentadas, analisamos as marcas linguísticas que evidenciam a relação entre oralidade e escrita presentes nas produções dos alunos.

4 MARCAS DA ORALIDADE, VARIANTES LINGUÍSTICAS E “ERROS” ORTOGRÁFICOS: TRANSPOSIÇÃO DA ORALIDADE PARA A ESCRITA

Ao tratarmos da escrita e tomarmos como objeto de análise a escrita de alunos da educação primária, focamos na transposição da oralidade para a escrita de textos produzidos por alunos angolanos. Para isso, tomamos por base marcas de oralidade, no intuito de observar como se dá a transposição da oralidade para a escrita nos textos dos alunos, a partir de critérios, como: a) troca de vogais por consoantes e vice-versa; b) acréscimo de vogais; c) troca de consoantes; d) ausência/omissão de vogais e supressão de consoantes.

A leitura dos excertos (como descrito anteriormente) se deu com base na observação dos desvios ortográficos encontrados nas produções escritas e sistematizados em um quadro elaborado a partir das marcas de oralidade e/ou dos desvios ortográficos encontrados na coleta.

Os textos selecionados estão assim organizados: o primeiro, o texto denominado de AL 08 e o segundo, o texto AL 12⁸, dispostos sem qualquer correção. Em seguida, apresentamos um quadro com parâmetros – cuja nomenclatura é resultado de uma seleção entre critérios utilizados pelos autores referenciados neste estudo e outros criados pelos autores deste trabalho.

Para a análise, os textos (originais) estão dispostos ao lado da transcrição literal. Assim, a análise das marcas de transposição da oralidade para a escrita permitiu categorizar três formas de compreender o processo de apropriação da escrita: marcas de oralidade; casos de hipossegmentação e de hipersegmentação; presença de línguas angolanas na escrita. São aspectos linguísticos que indicam, de certa forma, marcas da oralidade, mostrando que o trabalho com a escrita não é um trabalho acabado, pronto, mas contínuo, reflexivo.

4.1 Marcas de oralidade presentes nos textos dos alunos

Segundo Marcuschi (2007), a escrita seria, para muitos linguistas, uma modalidade da língua complementar da fala. Mas, apesar disso, elas são modalidades diferentes e que possuem elementos básicos, como: os aspectos formais, os estruturais e os semiológicos; em outras palavras, os aspectos sonoros e os gráficos. Vejamos como as marcas de oralidade estão presentes nos textos dos alunos AL 08 e AL 12.

Excerto 01: (AL 08)

Redação - A água tem uma grande importância porque nós ajud-am a lavar os alimentos serve para cozinhar e para beber e também ajuda nas barragem e também a água é um liquido **indispensavol** porque nós dá energia. ~~e também~~ e serve para lavar roupa para tomarmos banho parao nosso corpo ficar **mas** limpo. e também gosto muito da água porque ajudam nas nossa saúdesem a água nós não viveríamos porque é onde **ta** a nossa vida.

Transcrição literal (AL 08, grifos nossos)

Quadro 01:(AL 08) Marcas de oralidade

Tipos de marcas de oralidade	Exemplos – AL 08
Troca de vogais por consoantes e vice-versa	... um liquido indispensavol
Acréscimo de vogais	Não há
Troca de consoantes	Não há

⁸ Para esta investigação, selecionamos um recorte do *corpus* que compõe uma pesquisa de mestrado desenvolvida na UFRN (2021).

Ausência/omissão de vogais e supressão de consoantes	... nosso corpo ficar mas limpo... ... porque é onde ta a nossa vida
Omissão de sílabas das palavras	Não há

Fonte: Texto (AL 08) Quadro 01: Elaborado pelos autores da pesquisa

Excerto 02:(AL 12)

Redação - A água tem muita **impoltância porce selve** para os animal e para **coltivação** da nossa terra e para bebemos para lavamos para **banhamos** para **lavamo** os carros as motos e tambem é donde tiramos peixe tambem é donde tiramos as **refeiçois** e tambem **nosda** o petrolho e a gazolina e tambem para **dejenvolvimento** das planta.

Transcrição literal (AL 12, grifos nossos)

Quadro: 02 (AL 12) Marcas de oralidade

Tipos de marcas de oralidade	Exemplos – AL 12
Troca de vogais por consoantes ou troca de consoantes por vagais	... nos dá o petrolho
Acréscimo de vogais	Não há
Troca de consoantes	... a água tem muita impoltância, porce, selve, para os animal, ta mbém para dejenvolvimento
Ausência/omissão das vogais e supressão de consoantes	... porce, para bebemos, para lavamos, para banhamos
Omissão de sílabas das palavras	Não há

Fonte: Texto (AL 12) Quadro 02: organizado pelos autores da pesquisa

Como se pode observar, nos textos do AL 08 e do AL 12 há marcas de oralidade, as quais tomamos como modo de variação linguística predominante na escrita dos dois alunos. Contudo, salientamos que não exemplificamos cada um deles, mas podemos dizer que são formas de variação linguística recorrentes nos textos. São inseridas em nível fonético-fonológico e ocorrem na transposição da oralidade para a escrita. Tais ocorrências sinalizam como, muitas vezes, a mesma palavra é grafada de forma não convencional.

No quadro abaixo, demonstramos os “erros” ortográficos observados nos textos de AL 08 e AL 12, explicados com base em aspectos linguísticos oriundos da transposição da oralidade para a escrita e quantificados.

Quadro 03: Tipos de “erros” ortográficos observados

Tipo de “erro” ortográfico	Textos (AL 08 – AL 12) com ocorrências	Total de textos
Trocas de vogais por consoantes e vice-versa	08, 12	02
Acréscimo de vogais	Não há	0

Troca de consoantes/vogais	08, 12	02
Ausências/omissão de vogais e supressão de consoantes	08, 12	02
Omissão de sílabas das palavras	Não há	0

Fonte: Textos (AL 08 e AL 12) Quadro 03: organizado pelos autores da pesquisa

Nos textos, há casos de escrita, sobretudo de palavras, em que, para dizer a mesma coisa, apresentam-se grafias diferentes. Nesse sentido, é importante destacar que os “erros ortográficos” observados estão, possivelmente, condicionados a fatores de ordem social que recobrem todos os níveis da língua (fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, lexical, estilístico-pragmático).

Quanto às ocorrências observadas na análise realizada, sobressai o “erro” por ausência/omissão de vogais e supressão de consoantes nos textos em que tais “erros” se configuram, basicamente, pela troca de consoantes e troca de vogais. Também, em alguns casos, a troca de vogais por consoantes e vice-versa, se repetem no texto e, em outros casos, não ocorre a mesma grafia para a mesma palavra.

Em se tratando do “erro” por acréscimo de vogais, não foi observado nos dois textos. Com relação ao “erro” pela troca de consoantes/vogais, foi observada a maior recorrência desse fenômeno. Já o “erro” por ausência/omissão das vogais e supressão de consoantes foi observada uma ocorrência bastante significativa desse tipo. Contudo, não foi observada nenhuma ocorrência da “omissão de sílabas das palavras”.

De modo geral, entendemos que os alunos apresentam dificuldades de escrita, que possivelmente, estão relacionadas a aspectos linguísticos da oralidade: primeiro, por estarem em processo de alfabetização, em certa medida um pouco tardia; depois, pelo distanciamento entre a língua materna (variantes linguísticas) e o ensino de língua portuguesa na educação primária.

Os desvios que sofrem influência da oralidade são distintos, de modo que negar o uso da língua para um falante de qualquer etnia é negar a diversidade que constitui a cultura de um povo, em proveito da cultura, de certa forma estranha, transmitida por meio do ensino de uma língua oficial, no nosso caso o português.

São questões que importam para se compreender que a língua não é apenas um veículo de comunicação de determinado grupo social, mas também uma ferramenta que identifica os falantes de uma língua.



4.2 Casos de hipossegmentação e hipersegmentação na escrita dos alunos

Saber onde começa e onde termina uma palavra, ou seja, traçar os limites entre uma palavra e outra, é uma atividade complexa para quem está em processo de aquisição da língua escrita. É o nosso grande desafio. É comum, crianças em processo de alfabetização ou aquelas que apresentam dificuldade de leitura e escrito, realizarem segmentações que fogem às normas ortográficas vigentes.

No que concerne à oralidade e à escrita, são duas modalidades diferentes de comunicação, cada uma com características próprias. Como defende Marcuschi (2007), a fala e a escrita são diferentes, mas as diferenças não são polares, mas graduais e contínuas. São duas possibilidades de atualização da língua nas atividades sociointerativas diárias (p. 46). Os casos de hipossegmentação e hipersegmentação na escrita de alunos em processo de alfabetização podem ocorrer por desvios de ordem lógica, como a pronúncia deles e/ou a relação entre letra e som, não havendo compreensão fonológica ao escrever, por estarem mais próximos da oralidade.

A hipossegmentação é a junção de duas ou mais palavras na escrita, e a hipersegmentação é a separação de segmentos dentro da mesma palavra. Os dados apresentados são representativos do *corpus* analisado. Vejamos a análise dos textos de AL 01 e AL 04.

Excerto 03: (AL 01)

Redação – A importância da água

A água têm uma grande importância porque serve para lavar as mãos mão tomar banho lavar **arropa** lavar a loiça.

Para beber construir casas barrages elétricas cozinhar os alimentos regar as plantas.

Lavar as frutas limpar o **chanho** e também para a higiene pessoal

Transcrição literal (AL 01, grifos nossos)

Quadro 04: (AL 01) Marcas de hipossegmentação e hipersegmentação

Hipossegmentação	Hipersegmentação
<p>“arropa” (a roupa) - deve-se a junção da vogal “a” com a palavra “roupa”, em que o aluno duplica a letra “r”, escrevendo a palavra roupa, em “arropa”. Ao subtrair a vogal “u” ocorre a presença de uma síncope por subtração de fonema no interior da palavra. Interpretamos também a grafia da palavra “arropa”, como um caso de junção do artigo “a” com o substantivo “roupa” em que ocorre a duplicação do “rr”, formando-de uma única palavra “arropa”.</p>	<p>“chanho” (chão) - a palavra escrita demonstra a falta de conhecimento do aluno, que não domina a grafia da palavra chão - parte interna da casa, local onde pisamos -, por isso escreve “chanho”.</p>

Fonte: Texto (AL 01) Quadro 04: organizado pelos autores da pesquisa - (grifos nossos)





Excerto 04: (AL 044)

Redação - A minha redação fala sobre a importância da água. a água é um **liguido endis pensável**. ela tem uma grande importância **porq** podemos usar a água para tratar dos alimentos para tratar da casa e da **engene** pessoal como coletiva água podemos beber podemos utilizar para lavar a roupa também tratar das plantas a água também podemos utilizar para fazer varias contruições por sinal também podemos utilizar a água para deixar as nossas escolas limpas e bonita

Transcrição (AL 04, grifos nossos)

Quadro 05: (AL 04) Marcas de hipossegmentação e hipersegmentação

Hipossegmentação	Hipersegmentação
<p>“porq” (porque) – Grafia com aparente soletração no momento da escrita, ocasionando uma silabificação, e ausência das letras “e” e “u” na grafia do dígrafo “qu”, que sofreu alterações, provavelmente pela dificuldade em marcar todos os constituintes da sílaba.</p>	<p>“endis pensável” (indispensável) – Ocorre uma troca da letra na inicial “i” por “e” na grafia da palavra “indispensável” e ausência da ligação dos segmentos da palavra, que estão separadas da seguinte forma: endis pensável.</p> <p>“liguido” (líquido) - Substituição do fonema “q” pelo “g”, que pode ter sido por falta de atenção do aluno para escrever corretamente a palavra com o fonema adequado.</p> <p>“engene” (higiene) – Supressão da letra “h” e da vogal “i”</p>

Fonte: Texto (AL 04) Quadro 05: organizado pelos autores da pesquisa (grifos nossos)

Nos textos de AL 01 e AL 04, observamos que as ocorrências de hipersegmentação são mais frequentes que as hipossegmentação. Percebe-se que quase todas as ocorrências não constam de troca ou substituição das vogais “u” e “e” ou duplicação da consoante “r” (arropa).

A análise dos textos também nos possibilitou observar que diferentes fatores, como aspectos fonológicos referentes à imagem do aluno sobre o código escrito institucionalizado e os aspectos semânticos parecem constituir as hipossegmentações observadas. Nota-se, nas ocorrências, o resultado do trânsito e/ou da coocorrência entre diferentes aspectos das práticas sociais orais nas quais estão inseridas, fato que corrobora os resultados de perspectivas heterogêneas na escrita dos alunos, considerando suas experiências.

De modo geral, observamos certa recorrência na escrita dos alunos: 1) frequência de erros; 2) características de erros no texto, os quais se repetem em outros; e 3) frequência e tipos de erros com parâmetros de normalidade.

Cabe ressaltar que um conhecimento integral desse fenômeno linguístico por parte do professor alfabetizador é o passo fundamental para ele trabalhar paulatinamente nessas dificuldades



momentâneas por parte dos alunos, de modo a ir introduzindo, de forma pedagógica, os mecanismos linguísticos necessários para que eles transitem da fase em que se encontram para a seguinte.

4.3 Presença de línguas angolanas na escrita dos textos dos alunos

Como traços de línguas angolanas, selecionamos, entre as diferentes línguas angolanas, a umbundo, qimbundo e qikongo, pela afinidade e a proximidade linguística, para ajudar na leitura dos dados e distinguir traços dessas línguas na escrita dos alunos. A experiência, todavia, tem a intenção de levar à reflexão sobre influências vistas como “erros ortográficos” e explicar, a partir da estrutura composicional e gráfica das palavras/dos enunciados, o que é preciso ser evidenciado no contexto educacional das escolas de Angola.

As línguas apresentam processos de formação e evolução que podem ser estudados considerando-se o contexto de transformação. Para isso, faz-se necessário refletir sobre a proposta educacional centrada na valorização da língua oficial, pois ela reforça, em certa medida, a desigualdade, o alto índice de repetência, as dificuldades de compreensão, de leitura e de escrita dos estudantes.

Para explicar e descrever quais marcas linguísticas podem ser tomadas como interferências de línguas e/ou como “erro ortográfico”, selecionamos, entre os 19 textos que compõem o *corpus*, produções que apresentam, em sua estrutura, marcas linguísticas que se aproximam daquelas línguas umbundo, qimbundo e qikongo. Para exemplificar tais ocorrências, selecionamos dois textos: AL 10 e AL 05.

Excerto 05: (AL 10) Traços de Línguas Angolanas

Redação -A importância da água? A importância da água é sustentar o corpo ó mano e sustentar os Anímasdomesticos e os Anímas seuvájens como A galinha e o pasáros e o pero. o macaco o gavião a **andapodra** o pato o porco o cavalo Acobra o leão a trandula e o insecto? como Abelha os formigao o **copiango** e as moscas e **maiho milipe** e o **salale** e o grilo **Vomgo** e.c.t

Transcrição literal (AL 10, grifos nossos)

De acordo com a observação feita, no texto do AL 10, as palavras “andapodra”, “milipe”, “mainho” e “Vomgo” recaem nos traços das LAs umbundo e qimbudo. Esses termos designam nomes de animais e bichos. Por exemplo: com “andapodra”, o aluno, provavelmente quis escrever “candapedra” – nome de um animal selvagem que habita nas cavernas das pedras em zonas montanhosas de Angola, nome real de origem da LA umbundo.



A expressão “vomgo”, possivelmente, tem origem na palavra que deriva da LA umbundo “ovongo” – bicho que vive embaixo das folhas de certas plantas, recolhido para o consumo por alguns povos do sul de Angola. Ao escrever a palavra, o aluno omite o fonema inicial “o”, deixando “vongo”. Logo, da coabitação do português com a LA derivam-se as expressões citadas no texto do AL 10.

Excerto 06: (AL 15) Traços de Línguas Angolana

Redação - A minha redação fala sobre a água água é um líquido precioso indispensavel a vida a água selvi para beber cozinha lavar os alimentos borriafa lavar a roupa limpa o chão lavar a loiça tomar bano água também serve para os animais as plantas por isso devemos cuidar da água por que-a água é importânta a todos seres vivos

Transcrição literal (AL 15, grifos nossos)

Considerando-se o que se observa no texto do AL 15, a palavra “serve”, na escrita do aluno, recai nos traços da LA umbundo. Com o termo “selvi”, supõe-se que ele quis escrever “serve”. Contudo, chama-nos a atenção o fato de que isso caracteriza um tipo de dificuldade de alguns povos do sul de Angola que têm como LA o umbundo, possivelmente, pela troca da consoante “r” por “l”. Pode ser o caso de o aluno ter esse problema. Isso também pode ser exemplificado com a palavra “rato” que alguns pronunciam “lato”.

Os textos que analisamos acima demonstram que, na escrita dos alunos, há fortes indícios que confirmam a presença de LA, observada em algumas palavras, com predominância da LA umbundo. Isso se deve ao fato de o maior número de alunos da escola pesquisada ter proveniência do centro-sul de Angola, cujo grupo etnolinguístico é ovibundo e a língua oficial é umbundo. Por isso se nota a presença de nomes de animais, plantas, legumes, cereais etc. escritos na língua angolana umbundo. Por exemplo: capiango, salale, vongo, andapodra (AL 10).

As palavras exemplificadas mostram que os alunos escrevem baseando-se na pronúncia da LA umbundo, como se verifica na palavra “andapodra”, que provém da palavra “candapedra”, animal selvagem que habita nas cavernas das pedras em várias matas de Angola, em zonas montanhosas.

Os fenômenos linguísticos encontrados nas amostras asseguram alguns “erros” contidos nos textos dos alunos e apontam indícios de que tais “erros” estão relacionados a dificuldades de compreensão da escrita alfabética bem como à coabitação do português com as LAs. Ou seja, por estarem em fase de apreensão das habilidades de escrita, eles desconhecem certas palavras ou a grafia correta. Isso faz com que, ao escreverem, por vezes, tragam vocábulos de LA para os textos, por serem orientados em português. A língua primeira, ou LA é bastante determinante no percurso de

aprendizagem de uma segunda língua. As amostras comprovam, ainda, que os fenômenos da fala interferem na escrita dos alunos.

5 CONCLUSÕES

Por meio das análises, percebemos ser mais adequado centrar as tomadas de posição como referentes às particularidades que cada aluno apresenta e, a partir daí, decidir que tipos de conhecimento serão necessários para poder, numa primeira fase, compreender o fenômeno e, posteriormente, intervir com bases científicas ligadas à linguística.

Esses deslocamentos permitem perceber nuances quanto às dificuldades de escrita dos alunos, em relação aos usos da língua falada e da escrita, e que não é possível uma identificação plena entre essas duas modalidades. Isto é, embora seja possível observar a dominância que engendra a produção escrita, a identificação com o processo de escrita não é plena; ele aparece em embate com diferentes situações de usos da linguagem.

Em relação à presença de alguns “erros” ou falhas nos textos escritos pelos alunos, linguisticamente, eles podem ser compreendidos como hipossegmentação ou hipersegmentação. Esse fenômeno é natural que aconteça, já que as crianças, na fase de aquisição das habilidades de escrita, muitas vezes, deparam-se com obstáculos em relação à língua falada/escrita.

Pode-se dizer, ainda que, de acordo com os textos apresentados, os alunos estão constantemente em um movimento de idas e voltas enquanto não fixam as novas aprendizagens. Isso se constata pelos desvios ortográficos que aparecem em palavras iguais no mesmo texto ou em atividades diferentes, em que a regra em questão já havia sido utilizada para a grafia da palavra, no mesmo texto.

Outro ponto a ser destacado é o fato de, nos textos dos alunos, haver indícios que confirmam a presença das LAs, observada a partir de formas da língua, tanto pela grafia como pela semântica de certas palavras, predominando a LA umbundo. Similarmente, alguns “erros” contidos nos textos advêm, em certa medida, dessa coabitação do português com as LAs.

Certamente, tais observações não trazem respostas, mas fazem pensar, traçar caminhos necessários à reflexão e concepção de “erro”, para que se tenha como aliado do trabalho pedagógico do ensino de língua portuguesa, transformando-o em objeto de reflexão, semeando a dúvida e a curiosidade, estimulando a construção de aprendizados e a busca de soluções. Como alfabetizador e

linguista, é preciso que o professor tenha domínio, clareza, inteligibilidade e paciência para exercer a tarefa de alfabetizar.

REFERÊNCIAS

ANGOLA, Instituto Nacional de Estatística-INE. **Censo populacional e habitação de Angola**. Luanda, 2014.

ANGOLA, Assembleia Nacional. Lei de Base do Sistema de Educação e Ensino (Lei, 17/16) de 7. de outubro de 2016. **Diário da República**. I série, nº 170. Luanda.

CAGLIARI, Luis Carlos. **Alfabetização e lingüística**. São Paulo: Scipione, 1995.

CAGLIARI, L. C. Variação e preconceito. **Textura**, n. 2, p. 15-22, 2000.

CAGLIARI, L. C. Alfabetização e Ortografia. **Educar em Revista**, n. 20, p. 43-58, 2002.

COUTINHO, I. de L. **Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CUNHA, A. P. N; MIRANDA, A. R. M. **A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição de escrita: a influência da prosódia**. São Paulo: Editora: Alfa, 2009.

FRANCHI, E. P. **Pedagogia da alfabetização: da oralidade à escrita**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FRANCHI, E. P. **E as crianças eram difíceis... A redação na escola**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

HOSS, M. C. **Prática de ensino da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro. São Paulo, 1981.

JOAQUIM, C. M. *et al.* **Análise de textos de alunos da 2ª classe em uma das escolas do Município do Sumbe-Angola**, 2020. (mimeo).

LEITE, M. Q. Variação linguística: dialetos, registros e norma linguística. *In*: SILVA, L. A. da. (org.). **A língua que falamos: português, história, variação e discurso**. São Paulo: Globo, 2005. p. 183-210.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. P. Princípios gerais para o tratamento das relações entre fala e escrita. *In*: MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. P. (org.) **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L. C. **Diante das letras: a escrita na alfabetização**. Campinas: Mercado de Letras: 1999.



MASSINI-CAGLIARI, G. **Erros de ortografia na alfabetização**: escrita fonética ou reflexões sobre o próprio sistema de escrita? Porto Alegre, Kuarup/PUC-RS, 1996.

MIGUEL, M. H. **Dinâmica da pronominalização no Português de Luanda**. Luanda/Angola: Mayamba Editora, 2014.

Artigo recebido em: 02/12/2022

Artigo aprovado em: 02/12/2022

Artigo publicado em: 30/12/2022

COMO CITAR

BOANO, P.; MIRANDA, M. A. da S.; CAMPOS, S. F. Ensino de língua portuguesa: marcas da oralidade em produções escritas de alunos da 6ª classe do ensino primário do Sumbe-Angola. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 11, p. 1-19, e02226, 2022.

